

TRAQUEIA ARTIFICIAL SALVA PACIENTE COM CÂNCER

Uma traqueia artificial, confeccionada com o uso de nanotecnologia e engenharia de tecidos, salvou a vida de um paciente com câncer no órgão natural. O tumor, do tamanho de uma bola de golfe, sufocaria o paciente, um geólogo africano de 36 anos, mas, ao ser retirado, destruiria sua traqueia. Para substituir o órgão, os especialistas produziram uma imagem tridimensional da traqueia. Depois, uma equipe da University College de Londres desenvolveu o “esqueleto” da traqueia sintética. O novo órgão foi construído a partir de células-tronco. A cirurgia foi realizada na Suécia, sob coordenação italiana. A técnica será usada em uma criança com problema semelhante ainda este ano.

REDE DE SOLIDARIEDADE SE REÚNE NO RIO

Pela primeira vez no Brasil, um paciente e seu doador de medula óssea se encontraram. Djailson Alves da Silva doou a medula que, em 2006, salvou a vida de Gustavo Oliveira de Paula, hoje com 12 anos. Os dois se conheceram durante o 4º Encontro Internacional sobre Registro de Doadores de Medula Óssea e Bancos Públicos de Sangue de Cordão Umbilical, realizado em junho.



Divulgação/INCA

MODERADOR DE APETITE NOS CIGARROS

Pesquisa publicada na edição de maio do **The European Journal of Public Health** comprova que as seis maiores companhias de cigarro dos EUA e da Inglaterra (American Tobacco, Phillip Morris, RJ Reynolds, Lorillard, Brown & Williamson and British America Tobacco) usaram aditivos químicos para reduzir o apetite de fumantes. A pesquisa prova que o aumento de peso é mais do que um efeito psicológico colateral em quem deixa de fumar. Em nome da “boa forma”, muitos fumantes podem ter preferido manter a dependência temendo engordar.

Os redutores de apetite mais encontrados foram anfetamina e efedrina. Também se identificaram gás do riso e ácido tartárico. Os aditivos foram usados de 1949 a 1999. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Convenção-Quadro do Controle do Tabaco defendem uma regulamentação rigorosa dos cigarros como parte da luta contra o tabagismo.



CRIADA A REDE DE INSTITUTOS NACIONAIS DE CÂNCER DA UNASUL



RINC
REDE DE INSTITUTOS
NACIONAIS DE CÂNCER

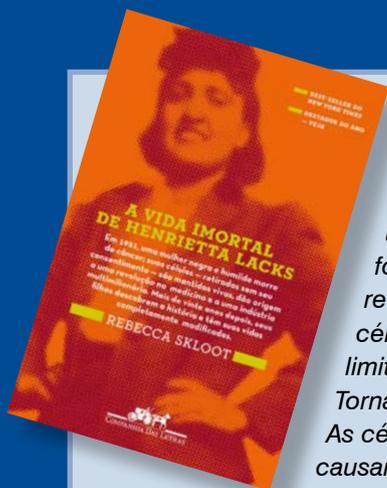


No dia 26 de julho, será lançada a Rede Nacional de Institutos Nacionais de Câncer da União das Nações

Sul-Americanas (Unasul Saúde). Formada por representantes de Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, México, Nicarágua, Peru e Uruguai, a RINC tem entre seus principais objetivos a incorporação das linhas de trabalho dos países-membros, a implantação de registros de câncer e a elaboração de projetos baseados em prioridades nacionais. Ao mesmo tempo, busca-se o desenvolvimento dos Institutos Nacionais do Câncer da Unasul e a capacitação de recursos humanos.

INSTITUIÇÕES DE CONTROLE DO CÂNCER APRESENTAM PROPOSTA À PRESIDENTE DILMA

A presidente Dilma Rousseff recebeu, em junho, proposta de criação de benefícios fiscais a empresas que ajudarem instituições com projetos de auxílio a pacientes com câncer e a pessoas com deficiência. A proposta foi apresentada pelos presidentes da Fundação do Câncer, que apoia o Instituto Nacional de Câncer (INCA), Marcos Moraes; do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, Paulo Marcelo Hoff; e da Associação Brasileira das Instituições Filantrópicas de Combate ao Câncer (Abificc), Aristides Maltez. O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, que participou da reunião e concorda com a proposta, foi incumbido pela presidente de discutir o assunto com o Ministério da Fazenda.



AS CÉLULAS IMORTAIS DE HENRIETTA LACKS

Em 1951, morreu, em consequência de um tumor cervical agressivo, Henrietta Lacks, uma humilde dona de casa americana. Durante o tratamento, suas células cancerígenas foram retiradas, sem o seu consentimento, e mantidas vivas, provocando uma verdadeira revolução na medicina e nos estudos do câncer. Após as tentativas usuais de manter as células sobrevivendo em cultura, descobriu-se que elas eram capazes de se expandir sem limites, superando a capacidade de todas as outras usadas antes na mesma pesquisa.

Tornaram-se as primeiras células humanas a se reproduzir em laboratório.

As células HeLa, iniciais de Henrietta Lacks, fizeram parte de pesquisas dos genes que causam câncer e daqueles que o eliminam. Por meio delas, foi possível desenvolver tratamentos para herpes, leucemia, gripe, hemofilia e várias outras doenças, além da vacina contra poliomielite, quimioterapia e fertilização in vitro. As células foram vendidas e enviadas

para experimentos no mundo inteiro e integraram as primeiras missões espaciais para estudos em gravidade zero. Todas as grandes pesquisas científicas e/ou biológicas da história desde os anos 50 precisaram das células de Henrietta. A escritora de não ficção Rebecca Skloot levou dez anos para escrever o livro, recém-publicado no Brasil, A Vida Imortal de Henrietta Lacks (Companhia das Letras).

A história mistura passado e presente, direitos dos pacientes, questões raciais e o uso de cobaias humanas em experiências científicas. A autora revela o nascimento daquilo que hoje é conhecido como bioética e conta como foi o surgimento dos laboratórios de manipulação e reprodução de células em cultura. O livro foi eleito um dos dez melhores de 2010 por mais de 60 publicações. Tornou-se um best-seller imediato, com tradução para mais de 20 idiomas. Será adaptado para a televisão pela HBO, com produção de Oprah Winfrey e Alan Ball. Parte do lucro das vendas segue para a fundação Henrietta Lacks (henrietalacksfoundation.org).